

LOOP



#5 DEZEMBRO 2024 10€

On Repeat

Vozes Emergentes:
Como o DIY está a redefinir o Indie

Echo Drift no palco,
onde o som se perdeu
no espaço

Notas e Temperos:
Zoe Pierce e a culinária
que alimenta a sua
criatividade

**“Eu não queria que as
coisas soassem perfeitas.
Queria que soassem
verdadeiras”**

- **AVA HART** revela os bastidores de **WHISPERS IN THE
DARK**



Ficha Técnica

Título

Loop

Direção Gráfica e Editorial

Ângela Eusébio, a107618

Periodicidade

Mensal

Morada

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho

ÍNDICE

AVA HART 4

**Como o DIY está a redefinir
o indie** 12

ECHO DRIFT 14

Notas e Temperos 16

AVA HART

em conversa com Tomás Almeida

Fotografia **Simeon Ase-
nov - Unsplash**
Estilista **Fábio Gomes**

Ava Hart é uma daquelas artistas cuja presença parece envolver qualquer pessoa que esteja à sua volta. O seu álbum *Whispers in the Dark* tem sido uma revelação na cena indie, com faixas que exploram emoções complexas e experiências pessoais, e ela, claramente, não se deixa intimidar pelo sucesso repentino. Mas Ava, com os pés firmemente plantados no chão, mantém uma postura de quem está apenas a começar a sua jornada, e isso é algo que se sente, sem pressa, em cada palavra que ela diz.

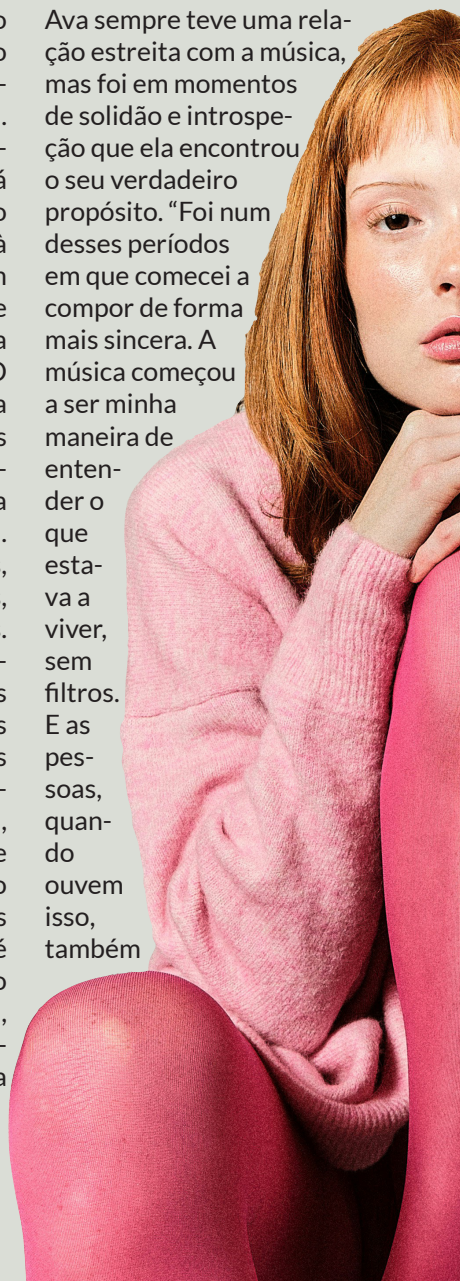


Ava Hart, com um casaco oversized da **Saint Laurent**, durante a sessão fotográfica no estúdio **Luz & Sombra**. A entrevista teve lugar no aconchegante **Le Jardin Secret**, onde a artista se abriu sobre o seu novo álbum.

O NASCER DE UMA ESTRELA

“Eu sempre escrevi como uma forma de processar o que estava a viver”, confessa Ava, a meio da conversa. A sua voz tem um tom suave, mas é fácil sentir que há mais nas suas palavras do que o que elas sugerem à primeira vista. Ela fala com a segurança de quem sabe que a sua música é uma extensão de si mesma. O álbum, que é uma mistura de sonoridades nostálgicas e momentos de vulnerabilidade crua, reflete essa busca pela verdade pessoal. “Sinto que, muitas vezes, quando estamos sozinhos, é quando nos encontramos. E eu quis que isso estivesse nas músicas – não só as partes boas da vida, mas também os momentos mais difíceis. São esses que realmente nos moldam”, diz ela, olhando para o horizonte como se estivesse a ver algo além do agora. “As músicas são pedaços de mim, e é uma forma de dar sentido a tudo. Não é só sobre mim, mas sobre todos que ouvem e se conectam com a minha história.”

Ava sempre teve uma relação estreita com a música, mas foi em momentos de solidão e introspeção que ela encontrou o seu verdadeiro propósito. “Foi num desses períodos em que comecei a compor de forma mais sincera. A música começou a ser minha maneira de entender o que estava a viver, sem filtros. E as pessoas, quando ouvem isso, também





acabam a ver um pedaço de si próprias. Talvez seja essa a beleza da música.” E é essa mesma

honestidade que cativa os seus fãs.

Ela percebe que o seu álbum ressoou com muitos, e em cada conversa,

ela confirma que a troca de

energia entre ela e o

público é algo

que a faz

continuar a

criar.

A música no

seu novo

álbum, sem

dúvida,

vida,

leva-nos a um lugar de vulnerabilidade, mas também há uma força quieta ali. “Eu não queria que as coisas soassem perfeitas. A música não precisa disso. Ela precisa ser real, honesta, e se há algo que se aprende na vida, é que as imperfeições

fazem parte do processo de nos tornarmos mais completos. Foi isso que quis transmitir nas minhas músicas.” Ela sorri, um sorriso que transmite uma compreensão profunda de quem ela é e daquilo que a sua arte representa.

“O som no álbum é muito natural, sabe? Eu queria que fosse o mais autêntico possível, então gravámos em estúdios pequenos, até em casas de amigos. Foi algo bem íntimo, sem muita edição. As falhas, as imperfeições... elas fazem parte da música, dão-lhe uma textura real.”

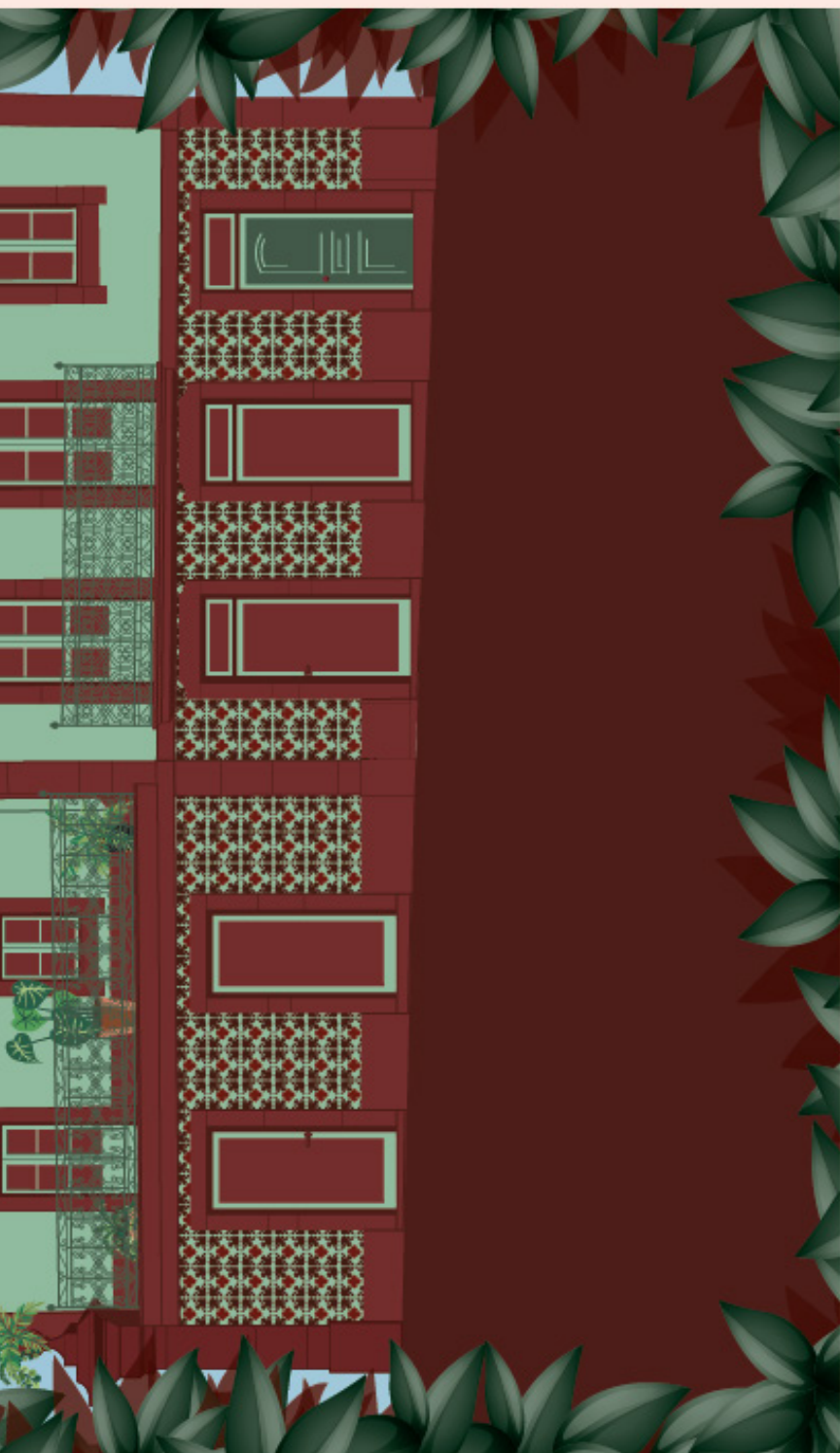
Quando a conversa segue para o seu processo criativo, Ava fala com uma clareza tranquila, mas com uma energia contagiante

**Ava Hart veste uma
camisola de malha
da Acne Studios
combinada com meias
listradas da Stine Goya.**

Poster na próxima página!

FREAMUNDE PORTUGAL





Ava Hart veste uma
camisola de malha
da Acne Studios.



que transparece nas suas palavras. “Eu não sou daquelas pessoas que planeiam tudo de antemão. Quando estou a compor, só deixo que as ideias venham e fluam. Acho que o que faz a música ser especial é o que vem sem ser forçado.” Ela explica que a sua criatividade vem de um lugar de observação constante, da forma como as pequenas coisas da vida podem inspirar grandes momentos musicais. “Às vezes, estou simplesmente a andar na rua, ou a ouvir uma conversa, e uma palavra, um gesto, podem virar uma canção. A inspiração está em todo o lado, só temos de estar atentos.”

O impacto de *Whispers in the Dark* vai além das faixas, e Ava não hesita em falar sobre a conexão profunda que ela sente com

os seus fãs. “O que mais me marca é a troca que tenho com quem ouve a minha música. Eu posso cantar algo que, para mim, é uma memória pessoal, mas, de alguma forma, alguém vai ouvir e aquilo vai tocar algo dentro dessa pessoa. É mágico perceber que a minha experiência pode ajudar alguém a lidar com as suas próprias emoções.” O olhar de Ava é tranquilo, mas ao mesmo tempo, há uma intensidade interna que a mantém focada no caminho que escolheu seguir.

“Para mim, a música é uma forma de dar algo aos outros, e ao mesmo tempo, é algo que me cura. Eu também sou uma fã da música, e sei que, muitas vezes, ela tem o poder de nos fazer sentir menos sozinhos. Há sempre uma música para

cada momento da vida, e acho que, de alguma forma, isso é o que tento criar: uma música que seja acolhedora e que faça as pessoas perceberem que não estão sozinhas nos seus sentimentos.”

O palco, para Ava, é onde tudo se torna ainda mais real. “A música ao vivo tem uma energia completamente diferente. É onde a magia se revela. E é para lá que estou a caminhar – para partilhar as novas músicas e ver como elas ganham vida.” Ela explica que a sensação de estar no palco, sentindo a reação do público, é algo que a mantém motivada. “Ver as pessoas a cantar as minhas canções, a vivê-las... é um momento de pura conexão. É como se, durante aqueles minutos, todos nós estivéssemos numa mesma vibração. E

"VER AS PESSOAS A CANTAR AS MINHAS CANÇÕES, A VIVÊ-LAS... É UM MOMENTO DE PURA CONEXÃO"



é por isso que a música ao vivo tem um lugar tão especial no meu coração."

Enquanto nos despedimos, Ava tem uma última mensagem para aqueles que a têm seguido ao longo desta jornada. "Eu só queria agradecer a todos pelo apoio. A música é uma troca, e sentir que estamos todos juntos nisso é incrível. Espero que, de alguma forma, as minhas músicas façam as pessoas se sentirem menos sozinhas. A música tem esse poder de conectar, e isso é algo muito especial."

**Ava Hart junta uma
camisola de algodão
orgânico da Everlane
e um gorro tricotado
da Carhartt WIP às
meias da Stine Goya.**

Como o DIY é a redefinir indie EMERG

Nos últimos anos, a cena musical indie tem sido moldada por uma onda de artistas que dispensam as grandes gravadoras e abraçam o movimento DIY (Do It Yourself). Numa era onde a acessibilidade tecnológica e as plataformas digitais dominam, nunca foi tão fácil para músicos independentes gravar, produzir e distribuir o seu trabalho de forma autónoma. Este novo paradigma, que foge às tradicionais barreiras da indústria, tem sido responsável por algumas das vozes mais autênticas e inovadoras da música contemporânea, redefinindo o que significa fazer parte do mundo indie.

baterista, e esse ambiente deu à nossa música uma intimidade que simplesmente não conseguiríamos de outra maneira.”

Este processo mais íntimo e colaborativo é uma característica comum entre artistas DIY. Muitos preferem gravar em casa ou em pequenos estúdios, longe das pressões comerciais e das expectativas de um grande selo. As ferramentas de produção e edição, antes acessíveis apenas a grandes estúdios, agora estão ao alcance de qualquer pessoa com um computador e o software certo. Este avanço permite que os artistas controlem cada aspeto da sua música, desde a composição até à mixagem final, conferindo-lhes uma liberdade criativa rara.

O DIY não é apenas uma abordagem técnica — é uma filosofia. Para muitos artistas, como a banda de garagem *Echo Drift*, gravar de forma independente é uma forma de preservar a sua autenticidade criativa. “Queríamos manter o nosso som cru, real. O estúdio profissional não nos parecia certo”, explica Jake Moore, vocalista da banda. “Gravámos no porão da casa do nosso



AVA
HART



está o DZES ENTES

A tecnologia digital não só facilita a gravação como também transforma a distribuição musical. Plataformas como SoundCloud, Bandcamp e TikTok tornaram-se trampolins essenciais para artistas que, em tempos, teriam lutado para serem ouvidos. Ruby Stone, uma jovem cantora que explora um som lo-fi e folk, conta como lançou o seu primeiro EP de forma independente. “Eu estava apenas a partilhar músicas no meu quarto, sem grandes expectativas. Quando comecei a receber mensagens de pessoas a dizer que as minhas músicas as tinham tocado, percebi que o DIY não é sobre fama — é sobre a conexão.”

Esta conexão direta com os fãs é outro pilar do movimento DIY. Sem o filtro

das gravadoras, os artistas conseguem criar uma relação mais próxima com o seu público. As redes sociais transformam-se em plataformas de interação, onde os seguidores acompanham todo o processo criativo — desde os rascunhos das letras até aos bastidores das gravações. Clara West, uma artista indie-pop, acredita que este envolvimento é uma das principais vantagens de trabalhar de forma independente. “Eu estou constantemente a comunicar com os meus fãs. Eles não só ouvem as minhas músicas, como também fazem parte do processo. Isso é muito gratificante.”

Com mais artistas a seguirem este caminho independente, o DIY tem vindo a transformar a cena indie num espaço mais aberto, inclusivo e criativo. Em vez de depender de intermediários ou de fórmulas de sucesso, estes músicos estão a criar o seu próprio caminho, desafiando as normas e redefinindo o futuro da música alternativa. E embora o DIY possa não ser a escolha mais fácil, para muitos, é a única forma de garantir que a sua arte permanece autêntica — uma verdadeira celebração da liberdade criativa.

ECHO DRIFT



RUBY STONE

Fotografia **Simeon Asenov**
Annie Spratt
Nate Sagrada - Unsplash

ECHO DRIFT

Onde o som se perdeu no espaço

Fotografia **Nate Sagrada**
Hari Nandakumar -
Unsplash

Na última sexta-feira, os Echo Drift subiram ao pequeno palco do clube Red Lantern, e, em menos de uma hora, provaram porque são uma das bandas mais promissoras da cena indie atual. Com um som cru e carregado de emoção, o quarteto apresentou um espetáculo intimista, mas poderoso, deixando a audiência completamente rendida à sua energia vibrante.

O concerto abriu com “Static Hearts”, uma faixa que mistura riffs distorcidos e vocais rasgados de Jake Moore, transportando o público para o coração do estilo DIY que a banda defende. Entre canções mais melódicas, como “Fading Lines”, e momentos de pura explosão sonora, como em “Waves Collide”, o set list revelou uma ban-

da em perfeita sintonia, com cada membro a trazer algo único à experiência.

“Queremos que cada concerto seja uma extensão da nossa essência”, disse Jake durante uma pausa, antes de mergulhar em “Echoes in the Dark”, a música que arrancou os aplausos mais intensos da noite. O encerramento ficou a cargo de “Driftwood”, uma despedida carregada de emoção que deixou no ar um sentimento de conexão com a banda e a promessa de um futuro brilhante para o grupo.

Com este concerto, os Echo Drift reafirmaram que, na era do DIY, o palco é o lugar onde a sua música brilha mais forte. Um espetáculo que não será facilmente esquecido pelos fãs que tiveram a sorte de assistir.



Notas e Temperos

Zoe Pierce e a culinária que alimenta a sua criatividade

Para Zoe Pierce, a cozinha é tanto uma arte quanto a música. Conhecida pelas suas letras introspectivas e melancólicas, a cantora e compositora revela que cozinhar é uma prática que alimenta não só o corpo, mas também a mente criativa. “Cozinhar, para mim, é quase como escrever uma música”, confessa. “É um processo intuitivo. Misturo ingredientes como quem mistura acordes. Às vezes, o resultado

é incrível; outras vezes, nem tanto. Mas o mais importante é experimentar e encontrar algo único.”

Entre os seus pratos preferidos está um clássico reconfortante: sopa de abóbora com gengibre e uma pitada de noz-moscada. Zoe recorda como a sua avó costumava prepará-la em noites frias de inverno, enchendo a casa com um aroma quente e acolhedor. “É uma memória tão viva. Hoje, faço a minha própria versão, adicionando pimenta caiena para dar um toque picante. É como um abraço num prato, e há algo quase terapêutico em recriar esses momentos.”

Mas a sopa não é o único prato que desperta o lado



criativo de Zoe. Quando tem mais tempo, gosta de preparar tacos vegetarianos, onde deixa a imaginação correr solta. “Adoro usar cogumelos portobello grelhados como base. Depois, acrescento guacamole fresco, uma salada crocante e molho picante caseiro. É um prato simples, mas com sabores vibrantes, e adoro brincar com as



Zoe Pierce encontra inspiração nos pequenos prazeres da vida, como esta tigela de ramen fumegante – uma pausa saborosa entre concertos e composições.

Fotografia Polina Lavour - Unsplash

texturas e combinações.”

Na cozinha, tal como na música, Zoe é guiada pelo instinto. “Eu raramente sigo receitas à risca”, admite. “Gosto de sentir os ingredientes, cheirar, provar enquanto cozinho. Acho que a criatividade surge exatamente dessa liberdade.” Para ela, cozinhar é uma pausa necessária do ritmo intenso da vida de artista.



“Estar na cozinha é o meu momento de desligar. Quando estou a cortar legumes ou a mexer um molho, consigo relaxar, focar-me no presente e deixar que as ideias apareçam naturalmente.”

As influências culinárias de Zoe são tão variadas quanto a sua música. Crescida entre sabores tradicionais do interior e inspirações internacionais, ela confessa ter uma queda por pratos italianos. “Um risoto de cogumelos cremoso é outro dos meus preferidos. É simples, mas exige paciência e atenção, quase como uma meditação. Cada colherada lembra-me de aproveitar as coisas boas da vida, uma de cada vez.”

Apesar de amar comer fora, Zoe valoriza a comida feita em casa. “Há algo de especial em cozinhar para as pessoas que amo. É como partilhar uma parte de mim. Assim como na música, gosto de criar algo que conecte, que traga conforto ou felicidade.” Quando está em tournée, longe da cozinha, Zoe procura mercados locais e restaurantes com menus autênticos. “Gosto de explorar sabores diferentes e, muitas vezes, trago essas inspirações para casa. O que como em viagem acaba por



se refletir na minha música, direta ou indiretamente.”

Além de uma forma de sustento e relaxamento, Zoe vê a comida como uma ponte entre culturas e experiências. “Tal como a música, a comida tem um poder universal. Não importa de onde somos, todos nos conectamos com sabores que nos transportam para memórias ou que nos fazem sentir algo.”

A cozinha de Zoe é tão versátil quanto a sua carreira musical. Entre sopas nostálgicas, tacos reinventados e pratos que exigem paciência e atenção, ela transforma cada refeição num momento criativo. “Cozinhar não é apenas sobre o sabor final”, diz com um sorriso. “É sobre o processo, sobre estar presente, e sobre criar algo que faça as pessoas sentirem-se mais próximas – de mim ou delas mesmas.”

Nesta edição de *Loop Magazine*, mergulhamos nas melodias que estão a redefinir o indie. Da intimidade criativa de Ava Hart ao poder dos *Echo Drift* ao vivo, esta é uma celebração das vozes que fazem da música uma experiência única. Descubra como o DIY está a transformar a indústria e conheça os sabores que alimentam a criatividade de Zoe Pierce. Para quem vive a música em todas as suas formas, este é o loop que não vai querer sair.